



20 de Novembro de 2025 - Dia da Consciência Negra
Boletim Especial

Mulheres negras acumulam funções e discriminações no trabalho



Mulheres negras acumulam funções e discriminações no trabalho

30% dos lares brasileiros são chefiados por mulheres negras. Dentro e fora de casa, boa parte do tempo delas é gasto com o cuidado de outras pessoas. Apesar disso, essas mulheres são pouco valorizadas: ganham em média menos da metade do recebido pelos homens brancos.

Destaques

- As discriminações de gênero e cor se somam no mercado de trabalho.
- No Brasil, 24 milhões de lares (30%) são chefiados por mulheres negras.
- A taxa de desocupação das mulheres negras é o dobro da dos homens brancos: 8,0%.
- O rendimento médio das mulheres negras é 53% menor que o dos homens brancos. Isso significa R\$ 30.800 a menos por ano no bolso delas. Entre os ocupados com ensino superior, a diferença média era de R\$ 58 mil anuais.
- Metade das mulheres negras (49%) ganhava no máximo um salário mínimo.
- Uma em cada seis mulheres negras estava ocupada no trabalho doméstico ou na limpeza de edifícios.
- Entre os homens brancos, um em cada 17 trabalhadores era diretor ou gerente. Já entre as mulheres negras, apenas uma entre 46 ocupava essas posições.
- 39% das trabalhadoras negras estavam na informalidade.

Introdução

Não se pode falar de trabalho no Brasil sem mencionar racismo e desigualdade de gênero. As mulheres negras sempre trabalharam, mas raramente tiveram direitos do trabalho. Da escravização ao trabalho doméstico, da informalidade ao subemprego, elas sustentam, há séculos, a base da economia brasileira, ao mesmo tempo em que enfrentam as piores condições de inserção, com as menores remunerações. Este Boletim trata de alguns aspectos da

realidade dessas mulheres no mundo do trabalho, com a sistematização de dados e análises que evidenciam as desigualdades estruturais e apontam a urgência de políticas que garantam dignidade, valorização e proteção social. Em sintonia com o lema da *Marcha Nacional das Mulheres Negras de 2025 - Pelo bem viver, contra o racismo, o sexismo e as desigualdades*, a publicação reafirma que não há justiça social nem desenvolvimento sustentável enquanto o trabalho das mulheres negras continuar invisibilizado e desvalorizado.

Mulheres negras x homens brancos

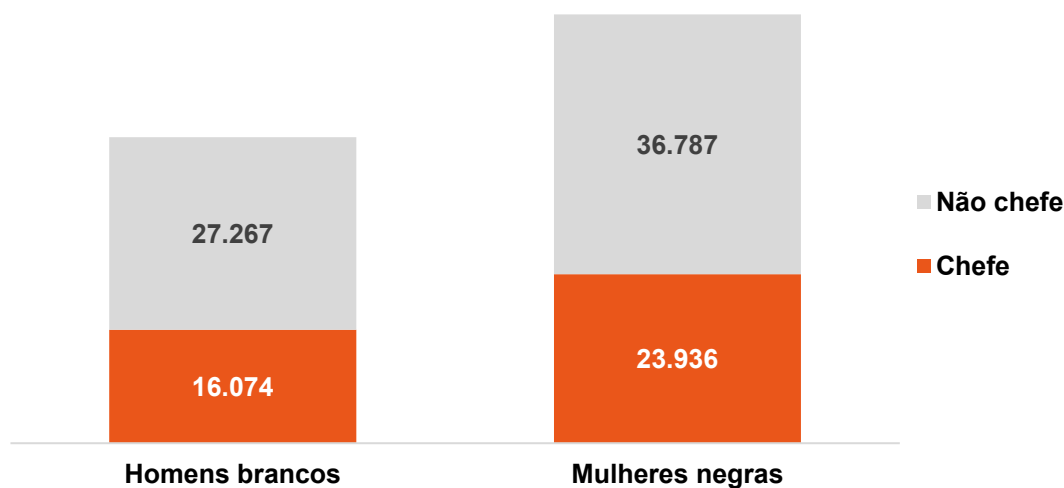
No Brasil, diferentes formas de discriminação se combinam. Duas das mais marcantes são as de sexo e de cor/raça. Há uma interseccionalidade entre elas, uma reforçando a outra. De um lado, as mulheres negras carregam os dois tipos de discriminação. De outro, os homens brancos, ainda que de maneira heterogênea, não passam pelos mesmos processos discriminatórios.

O mercado de trabalho é um dos ambientes em que as discriminações são mais facilmente perceptíveis. Nesta seção, os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PnadC/IBGE), referentes ao 2º trimestre de 2025, são usados para comparar a desigualdade de tratamento no mercado de trabalho entre mulheres negras (isto é, pretas ou pardas) e homens brancos.

Além das discriminações que sofrem no trabalho remunerado, as mulheres negras também acumulam cada vez mais a responsabilidade pelos lares onde vivem. Quase 24 milhões de domicílios brasileiros são chefiados por elas, o equivalente a 30% do total de lares no país. A proporção de mulheres negras que carrega essa responsabilidade também é maior do que a de homens brancos. Enquanto 39% delas, de qualquer idade, são as responsáveis pelo domicílio, cerca de 37% dos homens brancos estão nessa situação (Gráfico 1).

Gráfico 1

Estimativa de população por sexo e cor/raça, segundo situação de chefia domiciliar - Brasil - 2º trimestre de 2025 (em 1.000 pessoas)



Fonte: IBGE. Pnad Contínua

Elaboração: DIEESE

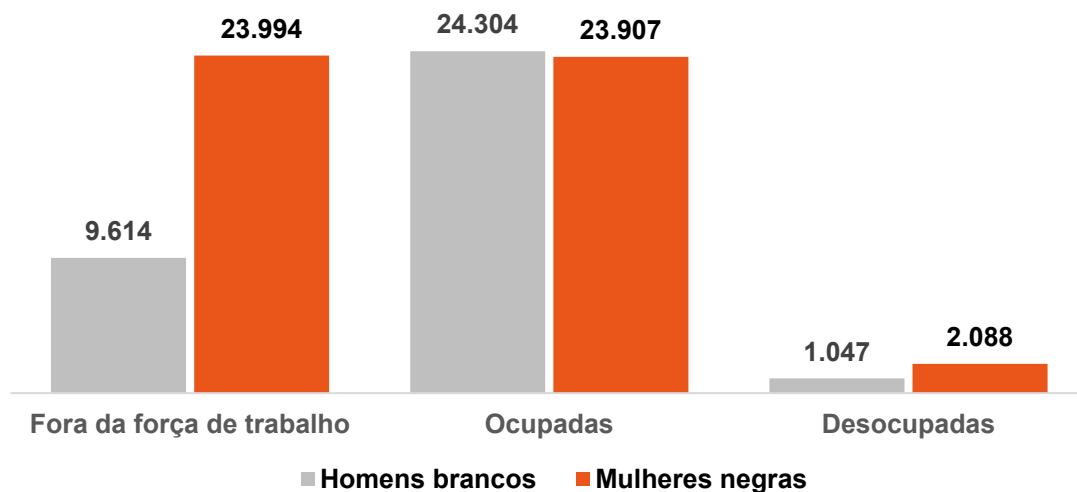
Obs.: negras = pretas + pardas

As mulheres, em geral, enfrentam mais dificuldades de inserção ocupacional. As negras mais ainda. Há mais mulheres negras fora do mercado de trabalho do que trabalhando. Embora a quantidade de mulheres negras ocupadas seja semelhante à de homens brancos, o número de negras fora da força de trabalho é mais do que o dobro do de homens não negros. No segundo trimestre de 2025, havia 23,9 milhões de mulheres negras totalmente fora do mercado de trabalho e 2 milhões de desocupadas, ou seja, que estavam sem trabalhar, mas procurando emprego (Gráfico 2).

Além disso, 39% das mulheres negras trabalhavam na informalidade, enquanto 31% dos homens brancos estavam nessa situação. Cerca de 40% delas não contribuíam para a Previdência Social, contra 34% dos homens brancos.

Gráfico 2

Estimativa de população de 14 anos ou mais por sexo e cor/raça, segundo condição de ocupação e na força de trabalho
Brasil - 2º trimestre de 2025 (em 1.000 pessoas)



Fonte: IBGE. Pnad Contínua

Elaboração: DIEESE

Obs.: negras = pretas + pardas

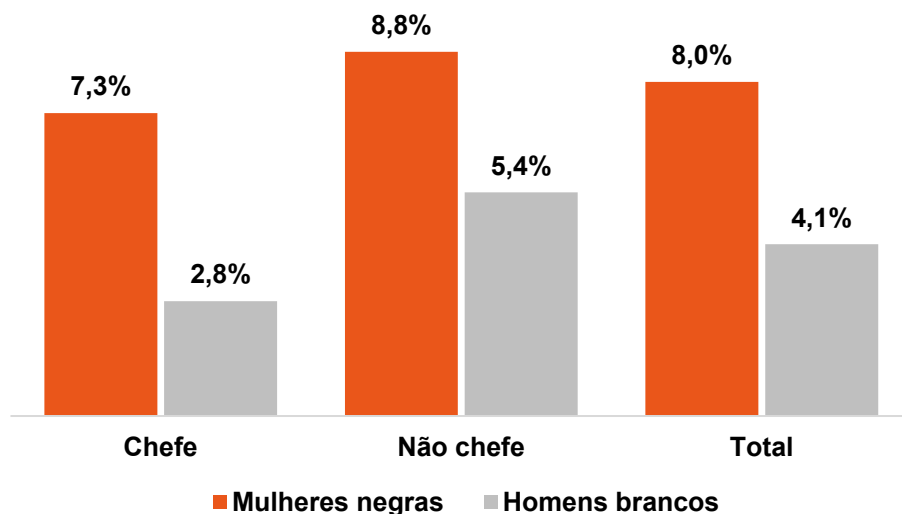
As tarefas de trabalho não remunerado, como afazeres domésticos e cuidados com crianças, idosos, doentes e pessoas com deficiência, são delegadas muito mais frequentemente às mulheres. Por ano, elas gastam 21 dias a mais do que os homens nessas atividades, o que faz com que fiquem sobrecarregadas e torna muito mais difícil para elas o acesso e a permanência em trabalhos remunerados.

A situação é agravada pela ausência de políticas públicas de compartilhamento dessas responsabilidades. A insuficiência de creches e equipamentos públicos de cuidado, a precariedade dos serviços de saúde e as dificuldades de mobilidade urbana tornam o cotidiano das mulheres, sobretudo das negras e pobres, ainda mais exaustivo.

A taxa de desocupação entre as mulheres negras é o dobro da dos homens brancos: 8,0% contra 4,1% (Gráfico 3). Quando ambos são chefes de domicílio, a diferença é ainda maior.

Gráfico 3

Taxa de desocupação por sexo e cor/raça, segundo situação de chefia domiciliar
Brasil - 2º trimestre de 2025



Fonte: IBGE. Pnad Contínua

Elaboração: DIEESE

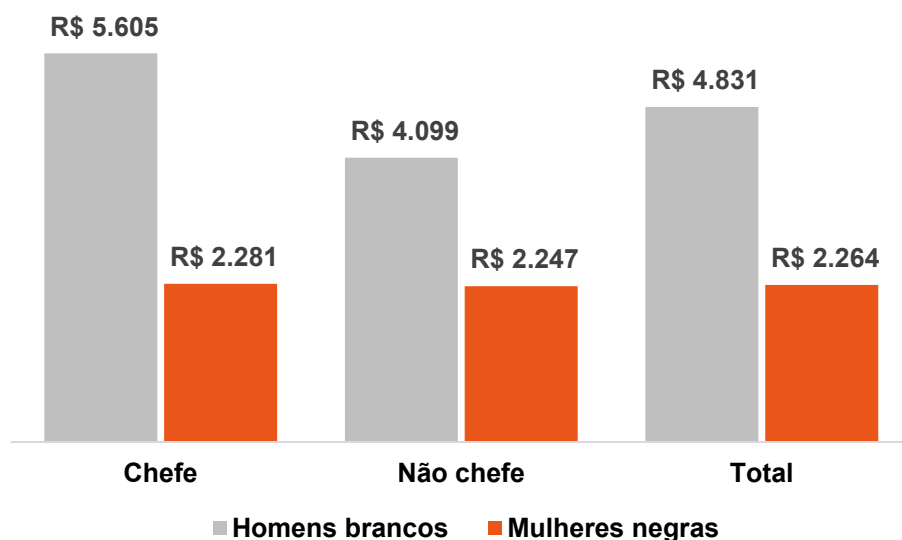
Obs.: negras = pretas + pardas

O rendimento médio das mulheres negras é 53% inferior ao dos homens brancos (Gráfico 4). Isso significa que, em média, uma mulher negra que trabalhou o ano todo recebe R\$ 30.800 menos do que um homem branco trabalhando no mesmo período. Entre chefes de domicílio, a diferença é maior.

Além disso, metade das mulheres negras (49%) que estava ocupada ganhava, no máximo, um salário mínimo. Entre os homens brancos, a proporção era de 20%.

Gráfico 4

Rendimento médio por sexo e cor/raça, segundo situação de chefia domiciliar
Brasil - 2º trimestre de 2025



Fonte: IBGE. Pnad Contínua

Elaboração: DIEESE

Obs.: negras = pretas + pardas

Uma em cada seis mulheres negras estava ocupada no trabalho doméstico ou na limpeza de edifícios. O rendimento médio das trabalhadoras domésticas era R\$ 324 menor do que o valor do salário mínimo vigente (R\$ 1.518).

Entre as 10 ocupações mais comuns entre as mulheres negras, seis podem ser classificadas como atividades da economia do cuidado (Tabela 1).

Tabela 1

10 ocupações mais comuns entre as mulheres negras e rendimento médio obtido por elas nessas ocupações
Brasil - 2º trimestre de 2025

Posição	Ocupação	Distribuição	Em 1.000 pessoas	Rendimento médio
1	Trabalhadoras dos serviços domésticos em geral	11,0%	2.623	R\$ 1.194
2	Trabalhadoras de limpeza de interior de edifícios, escritórios, hotéis e outros estabelecimentos	5,4%	1.302	R\$ 1.617
3	Balconistas e vendedoras de lojas	5,4%	1.283	R\$ 1.704
4	Escriturárias gerais	5,2%	1.247	R\$ 2.359
5	Especialistas em tratamento de beleza e afins	3,5%	838	R\$ 1.549
6	Cozinheiras	3,2%	770	R\$ 1.740
7	Cuidadoras de crianças	3,0%	710	R\$ 1.269
8	Comerciantes de lojas	3,0%	710	R\$ 2.935
9	Professoras do ensino fundamental	2,7%	648	R\$ 3.932
10	Profissionais de nível médio de enfermagem	2,5%	587	R\$ 2.818
-	Total 10+	44,8%	10.717	R\$ 1.884
-	Total geral	100,0%	23.907	R\$ 2.264

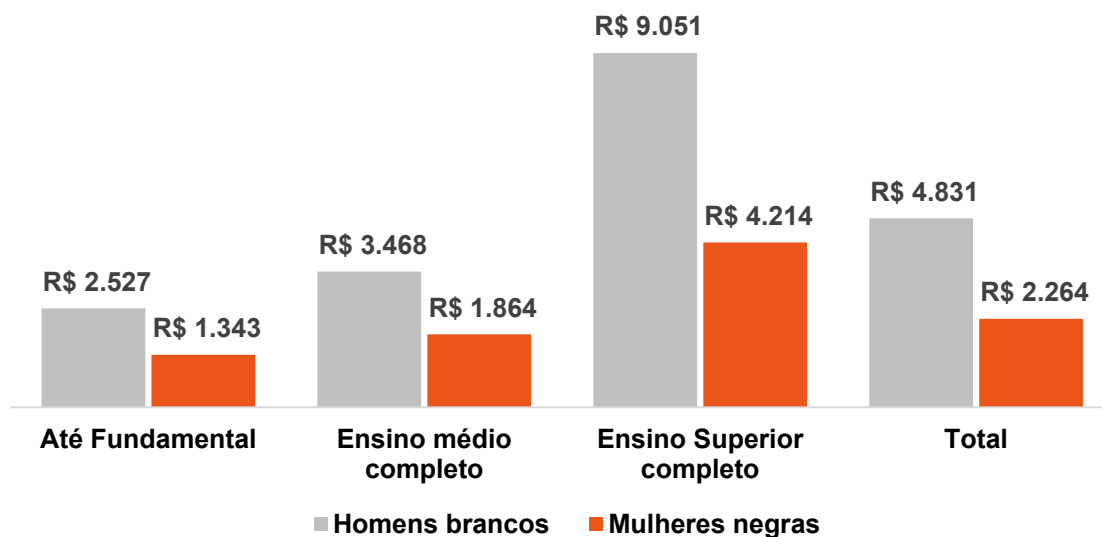
Fonte: IBGE. Pnad Contínua

Elaboração: DIEESE

Obs.: negras = pretas + pardas

Quando se trata de escolaridade, apenas 14% das mulheres negras possuíam ensino superior completo. Entre os homens brancos, 24% tinham esse nível de ensino. Independentemente do nível de instrução, a desigualdade é alta entre os dois grupos populacionais, mas é mais elevada entre pessoas com mais anos de estudo. Mulheres negras com ensino superior ganhavam menos da metade que os homens brancos, isto é, R\$ 4.837 a menos por mês ou R\$ 58 mil a menos por ano (Gráfico 5).

Gráfico 5
Rendimento médio por sexo e cor/raça, segundo escolaridade
Brasil - 2º trimestre de 2025

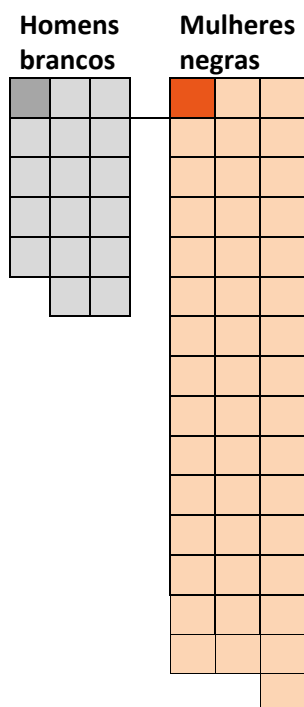


Fonte: IBGE. Pnad Contínua
Elaboração: DIEESE
Obs.: negras = pretas + pardas

A discriminação também aparece quando se observa a proporção de pessoas em cargos de direção. Entre os homens brancos, um em cada 17 trabalhadores era diretor ou gerente. Já entre as mulheres negras, apenas uma em 46 estava em cargos de chefia (Gráfico 6).

Gráfico 6

Razão de ocupados em cargos de direção,
segundo sexo e cor/raça
Brasil - 2º trimestre de 2025 (1 em cada)



Fonte: IBGE. Pnad Contínua

Elaboração: DIEESE

Obs.: negras = pretas + pardas

Considerações finais

As desigualdades que atravessam o trabalho das mulheres negras no Brasil não são resultado do acaso, mas de uma estrutura econômica e social que hierarquiza vidas com base na cor e no gênero, reproduzindo desigualdades históricas e naturalizando a precarização. O enfrentamento desse quadro exige reconhecer o papel central das mulheres negras, como trabalhadoras, cuidadoras e pilares de sustentação das famílias e comunidades, e assegurar que esse reconhecimento se traduza em políticas públicas efetivas. Valorizar o trabalho em todas as formas, garantir proteção social, combater o racismo estrutural e o sexismo e promover condições para o bem viver são passos fundamentais para a construção de um país verdadeiramente democrático, justo e igualitário.



Escritório Nacional: Rua Aurora, 957 – 1º andar
 CEP 05001-900 São Paulo, SP
 Telefone (11) 3874-5366 / fax (11) 3874-5394
 E-mail: en@dieese.org.br
www.dieese.org.br

Presidente: José Gonzaga da Cruz
 Sindicato dos Comerciantes de São Paulo – SP
 Vice-presidente: Maria Aparecida Faria
 Sindicato dos Trabalhadores Públicos de Saúde do Estado de São Paulo – SP
 Secretário Nacional: Paulo Roberto Dos Santos Pissinini Junior
 Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Máquinas Mecânicas de Material Elétrico de Veículos e Peças Automotivas da Grande Curitiba - PR
 Diretor Executivo: Alex Sandro Ferreira da Silva
 Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Osasco e Região - SP
 Diretora Executiva: Cecília Margarida Bernardi
 Sindicato dos Empregados em Empresas de Assessoramentos Perícias Informações Pesquisas e de Fundações Estaduais do Rio Grande do Sul - RS
 Diretor Executivo: Claudionor Vieira do Nascimento
 Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - SP
 Diretor Executivo: Edenilson Rossato
 Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos - SP
 Diretor Executivo: Elna Maria de Barros Melo
 Sindicato dos Servidores Públicos Federais do Estado de Pernambuco - PE
 Diretor Executivo: Gabriel Cesar Anselmo Soares
 Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo - SP
 Diretor Executivo: José Carlos Santos Oliveira
 Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Materiais Elétricos de Guarulhos Arujá Mairiporã e Santa Isabel - SP
 Diretora Executiva: Marta Soares dos Santos
 Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo Osasco e Região - SP
 Diretor Executivo: Paulo de Tarso Guedes de Brito Costa
 Sindicato dos Eletricistas da Bahia - BA
 Diretora Executiva: Zenaide Honório
 Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo - SP

Direção Técnica
 Adriana Marcolino – Diretora Técnica
 Patrícia Pelatieri – Diretora Adjunta
 Victor Gnecco Pagani – Diretor Adjunto
 Eliana Elias – Diretora da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho

Equipe técnica responsável
 Gustavo Monteiro
 Maria de Fátima Lage Guerra
 Patrícia Pelatieri
 Ricardo Tamashiro